

1. INTRODUÇÃO

O estudo volta-se para o contexto de aquisição e desenvolvimento do discurso narrativo por crianças surdas que necessitam de uma atividade mediadora da fonoaudióloga, profissional responsável por tentar propiciar o desenvolvimento da competência e habilidades nos gêneros do narrar.

Os objetivos consistem em mostrar, em atividades de co-construção interacional, como as crianças revelam esquemas de conhecimento sobre a narrativa, na contagem e recontagem do conto Chapeuzinho Vermelho, e como a fonoaudióloga, no papel de mediadora, procura ampliar os esquemas de conhecimento dessas crianças sobre a narrativa.

O foco da análise se volta, por um lado, para as habilidades discursivas das crianças (convenções, aspectos estruturais e de performance na narrativa) em situação de aprendizagem e, por outro, para as práticas discursivas da mediadora. As práticas de mediação envolvem complexidade de ordem interacional, seja com foco nas estratégias conversacionais locais, no turno a turno na fala em interação com as crianças, seja em estratégias globais e interpretativas, envolvendo abertura/fechamento da narrativa, seqüencialidade e causalidade do enredo, bem como ‘a moral’ da estória.

O foco de análise se dá, portanto, nos planos discursivo e interacional, ou seja, nas habilidades que as crianças usam ao narrar e no papel de suporte da audiência (Norrick, 2000; Bronckart, 1999, 2006; Perroni, 1992; Blum-Kulka, 1993, 2005). Em relação às crianças, observamos o grau de autonomia para narrar que cada criança revela na interação; os pontos de maior dificuldade de cada criança com os elementos da estrutura narrativa e com o trabalho interacional utilizado ao narrar. Em relação à fonoaudióloga, analisamos a configuração da narrativa co-construída entre a mediadora e cada criança, a fim de observar as estratégias de mediação que utiliza, os elementos que prioriza na narrativa, e os papéis que desempenha na co-construção da narrativa, na interação com cada criança.

A escolha deste tema se deve ao fato da narrativa ser fundamental ao desenvolvimento infantil no nível discursivo e sociocultural (Blum-kulka, 2005). Contar estórias cria oportunidades para o desenvolvimento da intersubjetividade e

influencia a construção de identidades (Garcez, 2001), pois, ao contarmos estórias, nos situamos numa rede de relações sociais, crenças e valores (Bastos, 2005). Narrar serve a necessidades cognitivas, estruturando e processando a experiência pessoal e a necessidades sociais, compartilhando tais experiências (Klapproth, 2004).

Os mecanismos e estratégias lingüístico-discursivos necessários para narrar são adquiridos na interação cotidiana (Lacerda, 2004; Goldfeld, 2006). Segundo Tomasello ([1999] 2003), os tipos de discurso em que a criança se envolve diariamente têm papel constitutivo no seu desenvolvimento lingüístico e cognitivo. O autor comenta o papel das narrativas no direcionamento da cognição humana de formas valorizadas pela cultura, destacando o papel da linguagem no desenvolvimento da teoria da mente (ou compreensão de crenças) e da compreensão moral, ressaltando a variedade de sistemas de explicação em culturas particulares.

Partimos do pressuposto que os adultos exercem papel central na construção da linguagem e dos gêneros discursivos das crianças (Blum-kulka, 2005, 1993; Goldfeld, 2006; Spinillo, 2001; Perroni, 1992; Rojo, 1996; Lemos, 1992, 1986; Tomasello, [1999]2003; Vygotsky, [1984]2003; [1987]2005), especialmente as mães e as professoras da educação infantil. O desenvolvimento da narrativa também requer a mediação de um adulto privilegiado, preferencialmente aquele que vivencia situações com a criança e pode organizar lingüística e discursivamente essas vivências.

No contexto da surdez, a realidade das crianças surdas brasileiras mostra que cerca de 90% delas são filhas de ouvintes (Goldfeld, 1997; Lebedeff, s/d), não compartilhando a língua de suas famílias. Muitas mães de surdos¹ interagem pouco com seus filhos e não apresentam na interação práticas comunicativas de como relatar suas vivências, relacionar eventos, fazer perguntas eliciadoras e contar estórias, sendo que tais práticas são essenciais para a construção da narrativa (Goldfeld, 2006). Além disso, muitas escolas não são estruturadas para suprir o déficit de desenvolvimento lingüístico e discursivo dessas crianças, e

¹ Referente a situação de famílias de Surdos atendidos no Ambulatório Bilíngüe de Surdez do Curso de Fonoaudiologia da UFRJ. Vale ressaltar que isso vem ocorrendo mesmo entre àquelas mães cujos filhos têm perdas auditivas de grau moderado, ou seja, que têm acesso aos sons fala através do uso de aparelho de amplificação sonora individual (AASI) e de treinamento auditivo (Goldfeld, 2006).

professores nem sempre lidam bem com crianças que não têm a narrativa bem estruturada (Peterson, 1994).

A maioria dos surdos, por crescer em famílias ouvintes (Goldfeld, 1997; Batista, Saliés e Goldfeld, 2006; Saliés e Magalhães, 2006) tem acesso restrito à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Há dificuldade dessas famílias e de instituições de atendimento bilíngüe aos surdos para inserir essas crianças em ambientes mediados por essa língua (Jacob, Goldfeld e Prado, 2006). Muitas crianças surdas têm tido, portanto, poucas oportunidades de adquirir a LIBRAS, precoce e espontaneamente, em interação com outros surdos, apesar de ser preconizado pela filosofia bilíngüe que o acesso à língua de sinais seja assegurado desde cedo no ambiente escolar ou em comunidades de surdos (Skliar e Souza, 2000; Aguirre e Goldfeld, 2006; Gesueli, 2006; Karnopp, 2004; Lebedeff, 2004; Botelho, 2002).

A realidade das crianças surdas filhas de ouvintes dificulta assim o desenvolvimento do discurso narrativo, isto é, o panorama é desfavorável para que essas crianças se engajem, espontaneamente e com frequência, em interações que possibilitem o desenvolvimento adequado do discurso narrativo. Estudos mostram que as dificuldades com o discurso narrativo geram problemas para estruturar, processar e compartilhar experiências pessoais (Klapproth, 2004), bem como para obter sucesso escolar e na compreensão de leitura (Peterson, Jesso e McCabe, 1999). Os resultados desses estudos nos fazem questionar como vêm se constituindo os processos comunicativos vivenciados pelas crianças surdas, e trazem grande preocupação em relação a seu desenvolvimento lingüístico e cultural, principalmente no que diz respeito à aquisição das competências do discurso narrativo, devido a sua importância no desenvolvimento infantil.

A audiologia educacional, processo realizado por fonoaudiólogos que abarca um trabalho visando o desenvolvimento da linguagem de crianças surdas, procura impulsionar o desenvolvimento do discurso narrativo dessas crianças em Português como segunda língua (PL2). O trabalho com a narrativa em PL2 se inicia a partir do momento em que as crianças já estão usando as palavras desse idioma de forma funcional, e tenta levar as crianças a organizar temporalmente eventos, a compreender relações de causalidade, a desenvolver conceitos abstratos, a metalinguagem (como a consciência fonológica, necessária à alfabetização) e a solucionar problemas (Goldfeld, 2006).

O papel do fonoaudiólogo é de extrema importância para o desenvolvimento lingüístico de crianças surdas, atuando como mediador, o fonoaudiólogo procura impulsionar o desenvolvimento do discurso narrativo, principalmente, alocando turnos narrativos, facilitando para a criança a tarefa de começar a narrar (Blum-Kulka, 1993). Fazendo perguntas eliciadoras, o profissional procura orientar a narrativa da criança que ainda não tem o esquema narrativo organizado (Perroni, 1992). A leitura, bem como a contagem e recontagem de estórias para as crianças visam favorecer o desenvolvimento do protótipo do gênero de texto conto (Spinillo, 2001; Bronckart, 1999, 2006; Lebedeff, 2004).

Devido à dificuldade de acesso das crianças surdas a interlocutores fluentes em LIBRAS (Góes, 2000), o Ambulatório de Surdez da UFRJ, contexto de realização da pesquisa, tem uma preocupação especial em favorecer o processo de aquisição desse idioma em atividades pedagógicas que incluem a contagem e recontagem de estórias. As atividades visam propiciar a aquisição da Língua de sinais como primeira língua e o desenvolvimento da narrativa nesse idioma (Jacob, Goldfeld e Prado, 2006). A escolha pelo contexto da pesquisa justifica-se, portanto, por sua atuação na busca do desenvolvimento do discurso narrativo no desenvolvimento infantil de crianças surdas.

A narrativa em LIBRAS promoveria o desenvolvimento cognitivo, propiciando a compreensão da seqüencialidade e das relações de causalidade, mas, na realidade, essas crianças não têm proficiência suficiente em LIBRAS para permitir que esse desenvolvimento seja pleno. A narrativa em português, por outro lado, é necessária à comunicação com os ouvintes, e na maior parte das vezes com a própria família, e é importante para o desenvolvimento da língua portuguesa escrita. Apesar do empenho em favorecer esse desenvolvimento, observando as sessões de terapia no ambulatório percebe-se que as crianças apresentam dificuldades com esse gênero. A maior parte das crianças em idade escolar ainda não relata fatos ocorridos em casa ou em passeios ocorridos em finais de semana ou nas férias às suas terapeutas. Em geral, mesmo quando as mediadoras alocam turnos narrativos e fazem uso de perguntas eliciadoras as crianças se limitam a respostas vagas e um discurso pouco compreensível, sem ordenação temporal e causal. Em relação aos contos infantis, a dificuldade se mantém. Quase todas as crianças apresentam dificuldades para recontar as estórias contadas para elas em

terapia, mesmo com o uso das perguntas eliciadoras, utilizadas para guiar a recontagem. A compreensão das relações de causalidade presentes nas histórias não aparenta ocorrer de forma satisfatória, o que se evidencia pela dificuldade dessas crianças em responder a perguntas que enfocam essa compreensão utilizadas pelas terapeutas.

Devido às dificuldades apresentadas no desenvolvimento do discurso narrativo dessas crianças, e à importância do discurso narrativo no desenvolvimento infantil, decidimos pesquisar esse desenvolvimento e o papel do fonoaudiólogo neste processo. Formulamos então as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1 Que esquemas de conhecimento sobre o conto Chapeuzinho Vermelho as crianças com surdez moderada, no ambulatório de surdez da UFRJ, estão revelando nas atividades de contagem e recontagem?
- 2 Que habilidades de ordem interacional elas revelam na contagem e recontagem do conto com mediação?
- 3 Que estratégias discursivas vêm sendo utilizadas no trabalho fonoaudiológico que procura incitar o desenvolvimento do discurso narrativo dessas crianças?
- 4 Como as estratégias de mediação utilizadas se diferenciam em função das habilidades e dificuldades de cada criança?

A abordagem teórica da pesquisa articula a abordagem da Sociolinguística Interacional (Goffman, [1979] 2002; Tannen e Wallat, [1987] 2002), que permite estudar a micro organização das interações. Utilizamos também teorias sobre a análise da narrativa, na fala em interação (Sacks, 1972; Norrick, 2000; Blum-Kulka, 1993 e 2005) e com viés pedagógico (Bronckart, 1999 e 2006). A relação entre surdez e construção de narrativas é abordada (Goldfeld, 1997; Pereira e Nakasato, 2001; Lacerda, 2004; Dezani e Chiari, 2006), visando situar o trabalho no campo de estudos sobre a surdez e permitir o entendimento de questões relativas ao desenvolvimento linguístico dos surdos. A mediação na abordagem sócio-interacional (Vygotsky, [1984]2003; [1987]2005) e a teoria neo-Vygotskyana (Bruner, 1975; Mercer, 1994; Van Lier, 2000) também são importantes, bem como estudos sobre mediação no desenvolvimento da narrativa, fundamentando o viés pedagógico deste trabalho.

Na perspectiva de analisar as interações a partir de sua organização micro, especificamos, na seção 2.1, o arcabouço teórico da sociolinguística interacional. A proposta é identificar enquadres construídos nas atividades de contagem e recontagem do conto, mudanças de footing, visando uma melhor compreensão da configuração interacional e da estrutura de participação de cada interação. Além disso, o conceito de esquemas de conhecimento auxilia nossa compreensão dos conteúdos revelados por cada criança em interação com a mediadora.

Tratamos das abordagens da análise da narrativa na seção 2.2. Visando compreender a relação das narrativas com a interação em curso, recorremos à estudos sobre a narrativa na fala em interação, na seção 2.2.2. A narrativa na abordagem sociointeracionista e discursiva, na seção 2.2.3, vem auxiliar o entendimento sobre o processo de desenvolvimento do discurso narrativo. Complementamos os estudos sobre a narrativa com estudos que tratam especificamente do desenvolvimento do discurso narrativo em surdos, na seção 2.3. A mediação na abordagem sócio-interacional é detalhada na seção 2.4. Apresentamos também a configuração das atividades de mediação no desenvolvimento do discurso narrativo, na seção 2.5, a fim de possibilitar uma compreensão de cunho pedagógico das interações analisadas.

A orientação metodológica para a pesquisa foi a Micro análise etnográfica (Erickson, 1996; Erickson e Schultz, 2002; Garcez, 1997), que permite a investigação de micro contextos interacionais, buscando compreender contextos de aprendizagem e especificar aspectos da interação face-a-face que influenciam o processo de aprendizagem.

No Capítulo 3, dedicado à Metodologia, descrevemos a natureza da pesquisa na seção 3.1 e explicitamos as razões pela opção metodológica da Micro análise etnográfica na seção 3.2. O contexto da pesquisa é apresentado na seção 3.3. Descrevemos aspectos do funcionamento do serviço no ambulatório de surdez da UFRJ na seção 3.3.1 e apresentamos os participantes na seção 3.3.2. O processo de geração dos dados é explicitado na seção 3.4 e a atividade analisada é descrita na seção 3.5.

A análise das interações de contagem e recontagem do conto Chapeuzinho Vermelho encontra-se no capítulo 4. Fizemos a análise com cada criança separadamente, para demonstrar a dinâmica interacional entre os participantes, de modo a mostrar as fases de contagem e recontagem, com a co-construção do

ponto de vista dos esquemas de conhecimento do conto bem como das estratégias utilizadas. Na seção 4.1, as atividades se dão com Rodrigo; em 4.2, com Luna; em 4.3, com Pedro; em 4.4, com Thiago. Em seguida, analisamos a performance da mediadora, na seção 4.5.

Em nossas reflexões e considerações finais, retomamos os resultados principais obtidos, no contraponto com as questões evidenciadas durante a análise, sobre as atividades de contagem e recontagem do conto Chapeuzinho Vermelho, envolvendo as crianças e a mediadora. Procuramos destacar a relevância da narrativa, como instrumento pedagógico na aquisição e desenvolvimento do gênero narrativo com crianças surdas, no âmbito da terapia fonoaudiológica.